

jornal da tarde

Publicado pela S.A. O Estado de S. Paulo
Av. Engenheiro Caetano Álvares, 55, tel.: 856-2122 (PABX).



10 FEV 1987

JÚLIO MESQUITA
(1891 - 1927)

JÚLIO DE MESQUITA FILHO - FRANCISCO MESQUITA
(1928 - 1969)

Diretor Responsável

RUY MESQUITA

Diretores

José Vieira de Carvalho Mesquita
Júlio de Mesquita Neto
Luiz Vieira de Carvalho Mesquita
Ruy Mesquita
César Tácito Lopes Costa
José M. Homem de Montes
Oliveiros S. Ferreira

Este "terreno" é ótimo. Só que está todo minado.

O único verdadeiro "milagre brasileiro" tem sido o de manter-se subdesenvolvido — quando não ameaça envolver, como agora — apesar de todas as condições objetivas de que desfruta para explodir economicamente.

Desde sempre, todos os centros internacionais de pesquisa econômica e todas as publicações especializadas do mundo têm colocado o Brasil nos primeiros lugares em suas listas de prováveis potências econômicas do futuro. E isso quando, nos momentos menos sombrios da nossa ciclotômica história político-econômica, não nos apontam como uma "potência emergente", ou seja, como uma "quase potência" econômica. Ainda na semana passada, em um longo estudo sobre a economia dos anos 90 ao qual dedicou 31 páginas, o influente semanário econômico Forbes mencionava insistentemente o Brasil ao lado dos países democráticos da Ásia, como um dos poucos países que, com a nova maré montante da economia mundial para a próxima década, liderarão o grupo de desafiantes dos atuais líderes na competição econômica mundial...

O que explicaria que os mais abalizados técnicos em economia do mundo fizessem vaticínios tão diametralmente opostos sobre o futuro de nossa economia daqueles que fazem, principalmente neste momento, os próprios brasileiros? Estariam certos o presidente Sarney e os seus ministros econômicos quando afirmam que todas as previsões pessimistas que se fazem hoje no País são "exageradas" ou mesmo "fruto de uma conspiração liderada pela grande imprensa"?

Infelizmente não é isso. E infelizmente porque uma "conspiração" como esta seria fácil de vencer. O que acontece é que esses especialistas internacionais baseiam suas previsões otimistas apenas nos dados objetivos, impessoais, da nossa situação, sem levar em conta os obstáculos políticos que são os únicos que impedem o pleno desenvolvimento econômico deste país. Sua análise é semelhante à de um topógrafo sobre um terreno sobre o qual se pretendesse construir um determinado prédio: não leva em conta os problemas legais envolvendo esse terreno que poderiam retardar ou simplesmente impedir a construção da obra.

De fato o Brasil tem — e sempre teve — tudo para estar muito melhor do que está. A lista das vantagens de que desfruta já no ponto de partida sobre a maioria dos países do mundo é extensíssima: não sofre os efeitos de nenhum dos entulhos do colonialismo de que padecem muitos dos seus concorrentes como, por exemplo, diversidade de nacionalidades, línguas e credos dentro de suas fronteiras, o que lhe dá a vantagem de uma paz interna nunca seriamente abalada. E quanto aos recursos, naturais, poucos países do mundo são mais agraciados do que este, como já notou Caminha ao deitar nele, pela primeira vez, os seus olhos ocidentais.

Mas, quanto aos entulhos culturais, estamos cheios deles. Ainda ontem, o nosso colaborador J. O. de Meira Penna analisava o boom econômico dos países asiáticos democráticos — ao qual se junta, agora, também a China — pela compatibilidade existente entre a ética confucionista e o espírito do capitalismo. Quanto aos países "de ponta", como os EUA, é bem conhecida a tese de Max Weber sobre A Ética do Protestantismo e o Espírito Capitalista. Em ambas, toma-se o esforço individual como a única medida do valor humano e, por transposição para o campo econômico, o lucro como a prova do sucesso neste esforço e a sua justa recompensa. E, como se sabe, o lucro é o único milagre (sem aspas) que permite o investimento e o desenvolvimento.

Nós somos filhos da Contra-Reforma; da reação contra o protestantismo promovida pelo statu quo europeu da época da qual fugiam os americanos do Norte. Vivemos sob a ética católica, centralizadora, antiindividualista, para a qual o lucro é pecaminoso e deve ser perseguido, assim como qualquer indivíduo que se destaque da média.

Eis o mal que permeia e vicia toda a vida brasileira. Não há nenhum espaço, nenhum direito solidamente garantido para os indivíduos. Os de que eles ainda desfrutam são meras concessões do poder central, que pode retirá-las a qualquer momento. Em vez de se aplaudir e incentivar o sucesso individual (o motor do desenvolvimento norte-americano), aqui ele é perseguido. O lucro, que lá é visto como a prova e a justa recompensa desse esforço individual que alimenta o bem comum, aqui é visto como pecaminoso, do ponto de vista ético (católico), e como alvo por excelência da cobiça estatal, do ponto de vista utilitário.

Voltemos, agora que apontamos o caldo cultural em que nos movemos, ao estudo da revista Forbes sobre a economia dos anos 90 para avaliar a verdade ou não das acusações do presidente Sarney à grande imprensa e a justificativa ou não tanto do otimismo dos estrangeiros sobre o Brasil quanto do pessimismo dos nativos sobre o seu próprio país. As previsões da Forbes são iguais às dos economistas mais proeminentes do mundo que se têm manifestado, ultimamente, sobre o assunto. Mesmo porque já não se tratam de previsões mas de constatações de uma realidade que já avançou a ponto de revelar-se irreversível. Uma nova economia está nascendo, implicando mudanças radicais sobre a até aqui conhecida. A indústria dos serviços (informática, comércio de licenças para a reprodução de tecnologia, bancos, serviços contábeis, engenharia, consultoria empresarial, propaganda etc.) substituirá crescentemente a indústria tradicional (de bens de capital e de bens de consumo) como geradora de superávits comerciais. Hoje nos EUA a proporção já é de 70% para serviços e 30% para a indústria tradicional, devendo chegar aos 90 contra 10% na próxima década. Nos anos 90, apenas 10% da força de trabalho dos países desenvolvidos se dedicará à indústria tradicional somada com a agricultura. O mundo se parecerá cada vez mais com um único mercado com os consumidores de todo o planeta consumindo os mesmos bens (roupas, músicas, filmes, computadores e programas para eles, satélites etc.) e as joint-ventures se multiplicarão em alianças produtivas entre multinacionais que passarão a produzir globalmente para um mercado praticamente sem fronteiras. Com os avanços da tecnologia (robótica, informatização e automatização em geral) a indústria tradicional gerará cada vez menos empregos e consumirá cada vez menos matérias-primas que, assim, passando a sobrar no mundo, perderão cada vez mais valor (exemplo: 50 quilos de fibras óticas substituem uma tonelada de fios de cobre). O mesmo se dá com a agricultura. Com o progresso tecnológico, precisa-se cada vez menos espaço para produzir a mesma quantidade de alimentos e menos gente trabalhando para produzi-los. Com a redução das perdas e com a difusão das técnicas, por todo o mundo aberto à nova era, também tendem a ser reduzidas as trocas e exportações de alimentos e, com isso, o seu valor comercial em geral.

Assim, o único valor de peso num produto tecnológico (que circulará na proporção de 9 para 1 em relação aos produtos industriais, e cujas matérias-primas pesam entre 1 e 3% no seu preço) será o resultado da equação "R+D" (em inglês research plus development), ou seja, pesquisa mais desenvolvimento. Isto é a quantidade de "massa cinzenta" empregada em seu desenvolvimento: material humano e, portanto, educação.

Os políticos brasileiros, todos filhos daquela ética da Contra-Reforma, no entanto, estão neste momento reunidos em Assembléia Nacional Constituinte, pensando entre uma e outra refrega para obter mais poder pessoal ou para dar um golpe de Estado baseado em casuísmos — nos meios e modos de impedir que o Brasil mergulhe neste novo mundo. Em nome da "soberania nacional" impedem-nos de participar da explosão mundial tecnológica. Em vez disso, dão como concessão do Estado, que controlam, autorização a apenas alguns "amigos" e escolhidos para importarem tecnologia (ou "piratearem" tecnologia), pondo sobre ela a sua marca

"nacional" para vendê-la por preços multiplicados aos brasileiros. (Note-se que bastou a Cacex bloquear as importações para conter a crise cambial e começaram as falências nas empresas brasileiras produtoras de bens de informática...) Gastam bilhões tirados à iniciativa privada produtiva para fazer uma "reforma agrária" arcaica e inútil sob o pretexto de que é preciso mais gente para produzir alimentos. Enterram tesouros em arcaicos monstros de desperdício como são as siderúrgicas estatais, enquanto as escolas são deixadas às traças e os professores à míngua. E, por cima de tudo, ameaçam "soltar os tanques" em cima dos empresários que, apesar de tudo isso, conseguiram algum sucesso, para "pô-los na prisão". E enquanto o próprio Gorbachov luta contra os "conservadores" de lá para tirar o Estado de cima da economia russa, de modo a que haja liberdade suficiente para que ela funcione, os "progressistas" daqui lutam para pôr o resto da economia brasileira, esgotada por anos de intervenções, mais debaixo do Estado ainda.

Eis por que se continuará dando o antimilagre brasileiro: o terreno, aqui, realmente é ótimo. Mas está de tal forma minado pelos políticos que ainda integraremos aquela lista dos "quase", dos "casos inexplicáveis", por muitos e muitos anos...